

A MÍTICA MÍSTICA EM AUTA

Felipe Morais de Melo
Francisca Gregório da Silva
Departamento de Letras – UnP

RESUMO

Este trabalho inicia-se com uma pesquisa acerca do misticismo, buscando alguns de seus conceitos, algumas contextualizações históricas e, principalmente, as características de uma das mais fortes representações do misticismo na área da literatura, a mística espanhola, centrando-nos nas figuras mestras de Santa Teresa de Jesus e San Juan de la Cruz, com o intuito de validar ou não a classificação de Auta de Souza, poetisa potiguar, como escritora mística, dada por alguns autores, como o poeta Olavo Bilac e o crítico literário Massaud Moisés. Para tanto, estamos fundamentados em alguns teóricos espanhóis, a exemplo de Prat (1953) e Gutiérrez (1959), e outros nacionais, como Cascudo (1961) e Pinto (2000), através dos quais buscaremos traços de misticismo/ não misticismo em toda a obra *Horto* e nos poemas inéditos de Auta de Souza – Souza (2001). Ao cabo da perscrutação, concluímos que, apesar de haver algumas tensões místicas em alguns poucos poemas da poetisa, ela não deve ser considerada mística por, dentre outras razões, deixar transparecer em alguns de seus versos marcas evidentes de um apego à vida terrena, característica que vai fortemente de encontro ao perfil místico de expressão artística e de vida.

Palavras-chave: Misticismo. Auta de Souza. Poesia. Crítica literária.

E a flecha flamejante é lançada pelas etéreas mãos do querubim, sacro ser também profano se vislumbrado Cupido pelos cúbicos olhos humanos, em mira do cativo coração da fiel serva, a ser rebentado de gozo ao ter a carne transpassada pelo viril vigor dos Céus. Trepida. Possessa, ela desfalece à vida da volúpia. Sob o signo maestro dessas pungentes visões tácitas de Santa Teresa de Jesus e também das exaltações espirituais de San Juan de la Cruz, paradigmas-mores da literatura mística mundial, e instruídos pelas noções de misticismo encontradas em importantes teóricos espanhóis, como Montoliv (1947) e Prat (1953), além do conterrâneo nosso Cascudo (1961) e de umas escavações enciclopédicas Mirador (1990) e Barsa (2004), buscaremos, no longo percurso pelo aflitivo *Horto* e poemas inéditos da poetisa norteriograndense Auta de Souza, trechos que legalizem ou não o título de escritora mística que por alguns estudiosos lhe é atribuído.

É do cerrar os olhos e os lábios que vem o germe primo da palavra misticismo, oriunda do verbo grego “mýein”. Podemos entrever nesse significado a essência dessa experiência religiosa, o misticismo, como um trinco vocal-visual às veleidades mundanas, mas, ao mesmo tempo, um arregalar ocular e estridente grito de chamado ao Homem Maior, cuja manifestação, que rompe o diáfano vidro do real, é a chave para o fenômeno da mística. Conforme Gándara-Miranda, o misticismo é

um fenômeno espiritual não fisiológico, um estado de alma que não nos é dado entre as vaguidades do sonho, senão (...) laboriosamente obtido, fruto não só de extraordinária piedade, de soberano domínio de todos os efeitos e

de profundo conhecimento da própria alma, senão também de um disposição especial e de certo estado religioso de eleição. Expressando de maneira concisa: *a união da alma com Deus na vida presente*. (GÁNDARA-MIRANDA, 1968: 54) [Tradução livre].

Quanto ao perfil do místico, podemos elucidá-lo com as palavras de Cascudo: “Um místico não mais ‘sente’ os problemas da terra e menos as relações efetivas, no plano material. Está desprovido de órgãos receptivos para as ondas sensitivas horizontais. Para o alto, para cima de todas as estrelas é que olha, àvidamente, reencontrando o caminho”. (CASCUDO, 1961: 125-6).

Essa é a idéia predominante de todos os estudiosos em cujos livros dedicaram folhas, capítulos sobre o fenômeno da mística e seus maiores representantes. Portanto, é baseado nessas idéias, tão laboriosa e cientificamente apresentadas por vários autores, que moldaremos o aspecto (não-) místico de Auta.

Se entendermos o misticismo como um meio de aproximação com Deus, poderemos afirmar que ele ocorre desde os povos pré-cristãos, a modelo dos xamanistas. O mundo medieval teve seu representante-mor na figura do alemão Eckhart no século XIV e, após uma centúria, na de Tomás Kempis e seu *Imitatio Christi*, “um dos livros mais lidos do cristianismo ocidental” (ENCICLOPÉDIA, 2004: 83), estudado pelas três personagens principais deste artigo, Santa Teresa de Jesus, San Juan de la Cruz e Auta de Souza. Esta o tinha como livro de cabeceira, sendo, inclusive, tema-título de um de seus poemas, *Na primeira página da “Imitação de Cristo”*. A mística atinge sua dimensão máxima no primeiro século da Renascença, o XV, na Espanha, que desenvolve uma “literatura mística propriamente dita”, abarcando “aproximadamente, um século e meio” (GUTIÉRREZ, 1959: 812) [Tradução livre]. Andados mais 200 anos, vemos no Padre Jean-Jacques Olier um dos grandes místicos da França. Contudo, talvez por considerar que o Deus Pai Todo Poderoso estivesse assaz acessível aos mortais, a suprema pedra de Pedro, a igreja, condena esse tipo de proximidade, que passa a ser pecado, heresia, divina obra do demônio, fazendo com que a mística soçobrasse no líquido fluxo denso do esquecimento, sendo recuperado apenas no século passado, por Henri Brémond.

As manifestações de misticismo ocorrem de maneira vária, como através de “visões, êxtases, o dom da profecia, estigmas etc” (ENCICLOPÉDIA, 1990: 7757), e, além da natureza católica, percorrida acima, teve igualmente afamadas realizações históricas no Protestantismo e outras religiões.

Interceptemos as linhas do tempo e costuremos os fios de ouro da literatura espanhola. Época boa das boas burlas cervantinas, !Ave Quijote!; da vistosa paixão quevedina; das douradas volutas verbais do sol barroco gongórico e tantos e quantos e a espiritualidade tão sã, San e Santa dos mestres Teresa de Jesus e Juan de la Cruz, cujos sobrenomes explicitam irradiantemente o único dono de suas vidas. Seja como vela, *Corpus Dei*, Jesus, ou metonímia, *Crux*, é Ele que os rege.

Ambos viveram de, por e para Cristo. Ativista, Santa Teresa inaugurou uma reforma na ordem Carmelita, San Juan a seguiu. Foram perseguidos, ela por ter seu divino profanado através dos foscos prismas da madre igreja, ele por seu discípulo e companheiro ser. Não obstante, os pesos dos pesares *vitae* nunca os estorvaram. Depois que Aquele se lhes revelou, nunca desviaram passo de suas vias mística e ascética, esta entendida como prescrições comportamentais, doutrinárias, para se alcançar a Deus.

O que diferencia esses dois auge do misticismo mundial é o fato de Santa Teresa nos dar “em sua obra a relação da beleza *positiva* das graças místicas, enquanto que San Juan, nas suas, nos descreve a *negativa* dos mistérios ocultos destes dons” (MONTOLIV, 1947: 563) [Tradução livre]. Ou seja, a *positiva* que Montoliv menciona está nessa inegável busca pelo prazer sensível da carnal realidade imaterial. Seus escritos, principalmente em prosa, nos quais relata às visões e contatos com o divino, estão empapados de erotismo, jungidos às sensações terrenas, que nada terrena são. O *negativo* de San Juan é expresso por seu estilo mais intelectual, metafórico, apurado e perfeito gramaticalmente. Ela, que escrevia com o descuidado espanhol familiar, é a representação do popular. Ele, da erudição.

Provemos um pouco da Santa nas primeiras estrofes do ilustre manjar ambrosíaco de suas *Aspiraciones de la vida eterna*:

Vivo sin vivir en mí,
y de tal manera espero,
que muero porque no muero.

Vivo ya fuera de mí,
después que muero de amor;
porque vivo en el señor,
que me quiso para sí:
cuando el corazón le di,
puso en él este letrado,
que muero porque no muero.

Esta divina prisión,
del amor con que vivo,
ha hecho a Dios mi cautivo,
y libre mi corazón;
y causa en mí tal pasión
ver a Dios mi prisionero,
que muero porque no muero. (JESUS, 1957: 183).

Ouçamos, sim, outrossim, a um dos canoros poemas de San Juan, que sempre salmodia liras ressoantes de céu em sua *Canción de la llama de amor viva*:

¡Cuán manso y amoroso
recuerdas en mi seno,
donde secretamente solo moras;
y en tu aspirar sabroso
de bien y gloria lleno,
cuán delicadamente me enamoras! (THE PENGUIN, 1965: 182).

Seja na íntima prisão da Santa, em que o eu escravizado e escravizador vive dentro de uma cela cujas grades são o corpo do Pai, seja nos galanteios enamorados do eu travestido de San Juan em direção ao amado Deus, vemos representações típicas do misticismo, que, reiterando via outra voz, que sempre acresce, é essa “presença sobrenatural de Deus, como algo real e dinâmico”, “efeito de uma graça”¹ (PRAT, 1953: 617) [Tradução livre], encontrada

¹ A Enciclopédia Mirador Internacional aponta que após a redescoberta do misticismo no século XX, iniciaram-se discussões em torno de sua natureza. Em detrimento da idéia até então concebida, que é a encontrada em todos os

em todos os escritores da Escola e mesmo em fiéis do século XVI, já que a Espanha passava por uma efervescência religiosa revigorada e chamejante pela ameaça reformista, corporificada no país principalmente pelo cardeal Cisneros. Dessa forma, segundo Prat, “não se deve considerar a atitude e o gênero escrito como algo aparte da vida espanhola da época” (PRAT, 1953: 616) [Tradução livre]. Os fenômenos místicos, logo, aconteciam amiúde na sociedade renascentista, perfumando os ares com a doç’ amarga luz do mistério, erva-daninha da certeza.

Tendo sido percorrido sucintamente o caminho histórico da mística e já pintados exemplos, confiamos que haja um entendimento claro de sua noção, tão pilada até então. Iremos agora apresentar as sendas estreitas ou trilhas amplas (dimensão a ser descoberta) dessa experiência espiritual dentro do *Horto* da autora potiguar.

Em vários poemas seus, há um interminável tentativa, envolvida por seu incessante prestar-Lhe louvores, de chegar a Deus. Mas o contato, em quase todos, não ultrapassa o sôfrego desejo. Isso vemos, por exemplo, em seu *Ao senhor do Bom Fim*, em que diz, qual fidedigna fiel, querer verter mais dor à sua tísica sina, chaga já bastante aberta, pedindo a Jesus:

Reparte comigo
O peso da Cruz.
[...]
A Ti só adoro
Senhor do Bom Fim. (SOUZA, 2001: 168).

Pede a Maria, intercessora, que a leve para “onde a ventura existe”, no poema *Eterna dor*; suplica, anelante cordeiro, pela vinda de Cristo em sua alma, *Agnus Dei*:

Vien vite, ô doux Jesus, habiter dans mon âme,
Donne-lui de goûter la douceur de ta voix;
Montre-moi, grand Dieu, la purê et chaste flamme
Quit embellit ta croix!
[...]
Ô sante Eucharistie, ô vin délicieux!
Ô pain sacré de L’Ange et froment dès élus!
Viens descendre em mon ame, ô gage merveilleux
De L’amour de Jesus!
[...]
Ô Jesus, mon amour, douceur de ma vie,
Viens étancher la soif de mon couer altere;
[...] (SOUZA, 2001: 259).

Nossa ânsia de achar a mística em seus versos é grande, mas o logro, malogro, gora, não faz, falta. E chegamos... quase, nas linhas de *Na primeira página da “Imitação de Cristo”*:

E dentro d’alma, nua de esperança,
Eu penso ouvir como num sonho doce
Alguém que fala n’uma voz tão mansa
Como se o eco de um suspiro fosse (SOUZA, 2001: 198).

teóricos, de ele ser oriundo de um dom extraordinário dado a eleitos, surge uma nova juízo, o da origem como resultado normal de uma vida cristã. (1990, p. 7758).

Aí começa Jesus a com ela falar. Mas nada houve, só ouve em seu pensar. Do isto que ela tanto almeja, só soube deveras bem Teresa:

Ya toda me entregue y di,
y de tal suerte he trocado,
que mi Amado es para mi
y yo soy para mi Amado.
[...]
ya yo no quiero otro amor,
pues a mi Dios me he entregado (JESUS, 2007).

O pseud'encontro de Auta, acima transcrito, foi um resultado opioso da leitura do *Imitatio Christi*. Seu escutar, seu consolo foram efeitos das linhas gráficas humanas, não dos versos corporo-transcendentais de Cristo.

Mas nossa busca finda. Ela tem seu encontro refletido nos versos. Nós o temos. Auta de Souza consegue criar entre as velhas folhas falhas *No horto*, um verde broto tensão que está mais lá. Sente-se o aroma d'uma luz vivífica, do misticismo:

Oro de joelhos, Senhor, na terra
Purificada pelo teu pranto...
Minh'alma triste que a dor aterra
Beija os teus passos santos, Cordeiro santo!
[...]
Eu disse... e as sombras se dissiparam.
Jesus descia sobre o meu Horto...
Estrelas lindas no céu brilharam,
Voltou-me o riso, já quase morto. (SOUZA, 2001: 65).

Temos agora um evidente momento místico. Inicialmente, embebida pelo fervor religioso da oração, na primeira estrofe, ela beija os pés de Jesus, o que faz roçar as duas existências, até que, mesmo que mornamente se comparado com o magma da Santa d'Ávila, podemos notar uma mudança na atmosfera do texto, que sai das trevas em direção à luz, momento quando sente Jesus descendo sobre seu horto-vida. A presença Externa sobre sua párvua alma. Finalmente, lá está.

Há um outro poema que ela mesma denomina *Místico* e que, textualmente apresenta uma total compatibilidade com as concepções apresentadas:

A chuva cai do céu e o mundo é como um ermo,
Um deserto sem fim de onde emigrou a luz...
Mas, que me importa a treva, a escuridão sem termo,
Se eu sinto dentro de mim quem fez o Sol – Jesus? (SOUZA, 2001: 87).

No entanto, há uma epígrafe que o contextualiza como fruto de um sentimento obtido ao sair da igreja após a comunhão. Todos os que são devotadamente religiosos sentem um aproximação com o divino, sim, ao receber eucaristia, já que, sendo o próprio corpo de Cristo, é o ponto mais valioso de um encontro católico. Não deixa de ser, para os que se enlevam com o incorporar o Corpo Santo, um momento místico, em que há um arroubamento dos sentimentos.

Mas nem com todos ocorre, mesmo encarando muitos. Isso faz com que tenhamos uma conciliação filho-Pai em vida, mas não extraordinária, singular, sobrenatural, como habitua ser marca dos místicos.

Mesmo asseverando sentir viva a Vida em sua vida, não há profusão, não há constância, não é essa a atmosfera que paira reinante em seu horto. Não chega a carbonizar a razão qual tamanha emoção, como em nossas duas insígnias, primeiramente o Doutor Místico:

El aire del almena,
cuando ya sus cabellos esparcía,
con su mano serena
en mi cuello hería y todos mis sentidos suspendía.

Quedéme y olvidéme,
el rostro recline sobre el Amado,
caso todo, y dejéme,
dejando mi cuidado
entre las azucenas olvidado. (THE PENGUIN, 1965: 181).

E a mulher, amante, esposa, escrava de Cristo:

Mi alma afligida
Gime y desfallece.
¡Ay! ¿Quién de su amado
Puede estar ausente? (JESUS, 2007).

A tibieza e escassez de nossa artista são manifestas, incontestáveis, principalmente se cotejada com seus mestres. O fato, então, de havermos achado poucos trechos conciliáveis com as definições de misticismo no interior de sua obra é suficiente para tratarmos a poetisa como mística?

Olavo Bilac, no prefácio à primeira edição do livro *Horto*, põe que “a nota mais encantadora do livro é a do misticismo, que dá a algumas de suas poesias o amplo e solene recolhimento de uma nave de templo” (apud SOUZA, 2001:16).

Ao que parece, nosso ostentoso lavrador da palavra usa o termo místico com uma semântica que condiz com a religiosidade, incenso da escritora, mas não com a significação dos estudos sobre misticismo, ao menos não dos estudos neste trabalho referenciados.

O que mais ousadamente lhe dá o título é Massaud Moisés em seu livro sobre o simbolismo, em que alega:

Dir-se-ia que a poetisa viveu, posto que fora das limitações conventuais e do preceito religioso, a mesma equação psíquica de Santa Teresa de Jesus [...] avulta como evidência a força matriz da cosmovisão da poetisa rio-grandense-do-norte: o misticismo. Entretanto, suas solicitações transcendentais distinguem-se das de Santa Teresa pelo fato de se despojarem de carga erótica: Cristo, para Auta de Souza, não substitui o homem; é amado na suas condição de Deus feito homem. Misticismo ingênuo, inocente, de entravada, que nem chegou a conhecer a erupção dos apetites sexuais (MOISÉS, 1997: 88).

Como já dito, o místico vive em torno de ou entornado por Deus. O claustro é uma forma de auxiliar essa vida, mas não é ambiente *sine qua nom* para um místico. Prova disso é Alejo Benegas, que era laico, professor, e foi um dos mais importantes autores místicos do primeiro período (cf. GUTIÉRREZ, 1959: 324). Portanto, dentro de uma óptica espiritual, não cabe configurar o convento como limitação. Muito pelo contrário, é um catalisador ou facilitador do místico.

A comparação uniente que é feita entre nossa autora e a espanhola é frágil, principalmente se baseados no argumento de em ambas haver “solicitações transcendetais”, como se fossem elas definidoras de um caráter místico, deixando de lado o principal, que é a consumação das rogativas, a presença real do “Transreal”, que, como demonstrado, muito pouco e lassamente foi encontrado em Auta.

Por fim, “aptites sexuais” não tem estrita ou necessária relação com o comportamento místico. Foi a marca típica da escrita Santa Teresa de Jesus, não da escola mística. Parece que o misticismo mais uma vez é visto como religiosidade suplicante, encontrada de forma mais abastada em Santa Teresa, sendo postas à parte as outras condições várias aqui apontadas.

Gizelda Lopes fala da possibilidade de ela haver se tornado mística se a Dama Branca não houvesse excitado o arrebentar da linha vital manejada em um outro além pelas Damas Negras do destino: “por ter morrido cedo, não teve tempo de transformar-se numa autêntica mística” (PINTO, 2000: 22), mostrando um posicionamento mais contido ante a designação.

O próprio Jackson de Figueiredo titubeia, retifica-se ao legar o termo em sua célebre frase sobre a poetisa, na qual descreve-a como “a mais alta expressão do nosso misticismo, **pelo menos** [grifo nosso], do sentimento cristão, puramente cristão, na poesia brasileira” (apud CASCUDO, 1961, p. 136). Aqui, através dessa conotação autonímica, textualmente marcada pelo termo em negrito, é reparável a constante confusão e estreitamento, praticamente uma flutuação semântica, recorrente entre a mística e a religiosidade.

Vejam agora a abundância de motivos que paulatinamente vão separar Auta da probabilidade de ser mística. Primeiramente, grande parte dos místicos escreveu por solicitações dos religiosos, dos confessores, para que os iniciantes tivessem um modelo de fé, até por, geralmente, serem os místicos também ascéticos. Auta, muito pelo contrário, escrevia para orar, bem como para expurgar seu sofrer, padecer. Quer ir para as “terras do além-mar” não para praticar seu matrimônio espiritual com Cristo, mas para cessar seu penar.

A poetisa ainda está apegada as coisas ordinárias, prosaicas da vida, arremessando admiração verbal, por exemplo, às flores, às crianças, estas fundamentais em sua vida, tanto por representarem um paliativo preenchimento de sua lacunar alegria de infância, quanto por figurar uma tocar no maternal nunca sido da mulher “autiana”. É frustrada pela vida que poderia ter tido, mas que pela tuberculose lhe foi usurpada. Mesmo com seu indiscutível empenho religioso, não quer tanto o Céu, preferiria poder usufruir a terra.

Não vê a morte como bom fim, questionando as decisões de Deus, postura não-mística de acordo com Cascudo, 1961, “a compreensão indagadora é indispensável no místico” (op. cit.:121), a morte de sua mãe, chegando a mostrar que há felicidade na terra também, não só no Céu, o que alia divino e terreno: “Minha mãe! minha mãe! Se é Céu é sempre lindo,/ Aqui também há sol, também há primavera...” (SOUZA, 2001: 75).

Descreve Deus não sempre em sua plenitude metafísica. Projeta-o por vezes em elementos triviais, como nos pirilampos ou no sorriso da criança em seu *Simbólicas*. Está com a terra, viva e quer mais no mundo ficar:

Sinto no peito o coração bater
Com tanta força que me causa medo...
Será a morte, meu Deus? Mas é tão cedo!
Deixa-me inda viver. (op. cit.: 159).

Tal afirmação seria impensável para um místico. É interessante perceber as vacilações pueris, talvez barrocas, da poetisa que ora clama pela morte, para encurtar seu sofrer; ora pede ao Pai mais sumo para ser.

Rubreja ante o verso que a fita na *Minh'alma e o verso*, em que, referindo-se ao fazer poético, ao verso, deixa aberta para o leitor uma “transvisão”, com a qual podemos suscitar um galanteio masculino, principalmente quando sabemos, por meio de uma análise de sua biografia, que teve um amor que por ela não lutou, o que pode estar expresso em seu rechaçar:

Não me olhes assim... Eu fico triste
Quando a fitar-me o teu olhar persiste
Choroso e suplicante...
Já não possuo a crença que conforta.
Vai bater, meu amigo, a outra porta
Em terras mais distantes. (op. cit.: 223).

Em *Never more*, revela um sentimento fibr'humano, mer'humano, vil'humano, que é o do rancor, negando o trabalhoso bíblico conselho do perdoar setenta vezes sete, ao dizer: “Não te perdôo, não, meus tristes olhos/ Não mais hei de fitar nos teus, sorrindo” (op. cit.: 226), acentuando uma vez mais essa gruta que a distancia do caráter desprendidamente mundano dos místicos.

Apesar de declarar *Ao senhor do Bom Fim* que só a Ele adora, diz com suas *Penas de garça* que:

Eu só adoro na terra
Da criancinha o sorriso,
Uma casinha na Serra
E um ninho no Paraíso. (op. cit.: 234).

revelando mais uma vez o apreço pelas crianças, as quais adora. Essa estima assume notoriamente perfil maternal em *Lídias*, quando diz:

Feliz de quem se vai na tua idade,
Murmura aquele que não crê na vida,
E não pensa seque na mãe querida
Que te contempla cheia de saudade. (op. cit.: 104).

Novamente aponta a vida terrena com provedora de felicidades e, indignada, sente em seu peito estéril todo o sofrer de uma mãe ao perder seu filho.

Apesar da vida ulcerada por chagas, suas e familiares, afirma que:

Quando eu morrer, vou assim:
Sustendo meu coração...

Saudade da terra? Sim!
Saudade da vida? Não! (op. cit.: 235).

Enquanto nossa Santa d'Ávila diz, completamente resignada, em *La Cruz*:

De la cruz dice la Esposa
A su Querido
Que es una palma preciosa
[...]
Es una oliva preciosa
La santa cruz
[...]
Es la cruz el árbol verde
Y deseado
De la Esposa que a su sombra
Se ha sentado
Para gozar de su Amado
[...]

La cruz es árbol de vida. (JESUS, 2007).

Auta de Souza não atinge esse compreender o sofrimento como árvore por cujas ramas se chega à Vida. Não saboreia os frutos da cruz. Ao contrário, tenta-os expelir, mas, obstinastes, teimam em nascer no solo de seu horto:

Ai! tudo que é fraco e triste
Precisa de amparo e luz...
E nada no mundo existe
Tão triste como uma cruz. (SOUZA, 2001: 163).

Chega ao extremo de contestar a lógica celestial, debatendo mais uma vez com Cristo, o que a aparta ainda mais da denominação mística. Eis seu remate: “Se a água do rio para o oceano corre,/ Se tudo cai, Senhor! Por que não morre/ A dor sem fim que me devora aos poucos?” (op. cit.).

Todos esses trechos vão dando cabo à problemática do trabalho. Mesmo tendo recebido a poetisa o título de mística pelas palavras de personalidades de renome de nossa literatura, como Olavo Bilac, e dos estudos literários, Massaud Moisés, não podemos deixar de notar a denotação de religiosidade a que vem impingida a palavra místico. Quando estudamos a fundo, a partir de diversas fontes de peso, o sentido do vocábulo, da escola e o perfil de seus representantes, podemos rever a designação e repensando-a, como aqui tentamos fazer.

Dos nossos estudiosos, o que mais taxadamente aguça o cunho não místico de Auta de Souza é Câmara Cascudo, com cujas palavras podemos começar a fechar os nuviosos portões da mística:

A religiosidade de Auta de Souza é profunda, sincera, medular mas não ascética, morficante, mística. O seu amor à Jesus cristo, à Nossa Senhora, ao Anjo da Guarda, não a distanciam de todos os sonhos lógicos das donzelas, amor, lar, filhos, missão maternal. Nada foi possível mas os poemas de Auta, claros e doces, revelam candidamente essa frustração. (CASCUDO, 1961: 129).

Do mesmo modo que utilizamos teóricos espanhóis para tentar dissipar a terminologia mística que circunda Auta de Souza, podemos, cavalheiramente acolhê-la sobre o leito de uma outra indicação sugerida por um dos teóricos espanhóis, Gutiérrez (1959: 311), que divide a literatura sagrada em *religiosa*, explicadoras das doutrinas cristãs; *ascética*, que erigem preceitos morais para melhor seguir a Deus e um dia com Ele estar; *piadosa*, compreendendo as obras em louvor de Deus e Santos; e a *mística*, que tratam da fusão Sant'humana. Poderíamos, portanto, incluí-la, sob a divisão do autor, como uma escritora piedosa, ou simplesmente religiosa, em que se pode, mui escassamente, deparar com **tensões** de caráter místico, não sendo, todavia, apropriado, face às teorias estudadas, designá-la escritora mística.

E a hóstia vem, vem chegando à boca da mulher, quando o pão se transmuta, ganha fibra, carne, que lacerada emana sangue do trigo-corpo. Esporrada com aquele afogoeado banho suave, cálido, a senhora, agora esposa, fêmea, geme ais de júbilo. Pulsa, pulsa, pulsa e morre no espesso mar, amar, de Seu Senhor. Nosso Senhor. Com esta última visão, recriação, de Santa Teresa de Jesus, ultimamos os sempr'incertos além-tinos da exuberante, viçosa, graç'arte do misticismo.

REFERÊNCIAS

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vida breve de Auta de Souza**. Natal: Fundação José Augusto, 1961.

ENCICLOPÉDIA Barsa. v. 10. 3. ed. São paulo: Barsa Planeta Internacional, 2004.

ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. v. 14. São paulo: Encyclopædia Britannica do Brasil Publicações, 1990.

GÁNDARA-MIRANDA. **Historia de la literatura española en cuadros esquemáticos**. 4. ed. Madrid: EPESA, 1968.

GUTIÉRREZ, Fermín Estrella. **Historia de la literatura española con antología**. Buenos Aires: Kapelusz, 1959.

JESUS, Santa Teresa de. **Poesías líricas de Santa Teresa de Jesús**. Disponível em <http://www.corazones.org/santos/teresa_avila.htm> Acessado no dia 27 de novembro de abril de 2007.

JESUS, Santa Teresa de. **Santa Teresa de Jesús y sus "moradas"**. Barcelona: Obras Maestras, 1957.

MONTOLIV, Manuel de. **Manual de historia de la literatura castellana**. 5. ed. barcelona: Cervantes, 1947.

MOISES, Massaud. **O Simbolismo**. São Paulo: Cultrix, 1997.

PRAT, Angel Valbuena. **Historia de la literatura española**. 4. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1953.

PINTO, Gizelda Lopes do rego. *Auta de Souza e a estética simbolista*. 3. ed. Natal: Fundação José Augusto, 2000.

SOUZA, Auta de. **Horto**. 5. ed. Natal: EDUFRN, 2001.

THE PEBGUIN book of spanish verse. Introduced by J. M. Cohen. Baltimore-Maryland: Penguin books, 1965.